

“Marijuana and panic disorder”

Deborah Deas, M. D.; Lori Gerding, M. D.; Janice Hazy, M.S.N.
Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 2000;
39: 1467

Resenhado por: Madalena de Castro Santos

Uma importante correlação entre o uso da maconha e os ataques de pânico

Este artigo, recentemente publicado no *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, refere-se a um caso de Distúrbio de Pânico, num rapaz de 15 anos de idade admitido no “Youth Division – Intensive Outpatient Program” da Universidade de Ciências Médicas da Carolina do Sul, para tratamento de abuso de maconha e desordens comportamentais de caráter agressivo. Informações paralelas revelaram que ele vinha usando mais maconha do que ele próprio reportara. O paciente admite o uso ocasional de álcool. Foi atendido pelo serviço de emergência com sintomas de ansiedade, palpitações, visão turva e dor de cabeça. O exame laboratorial foi positivo para canabinóides. Uma reação de ansiedade secundária à ingestão da droga foi diagnosticada e ele foi aconselhado a interromper o uso da maconha. O paciente apresentou episódio similar um mês mais tarde, o que ocasionou nova visita à emergência. O teste foi mais uma vez positivo para canabinóides. Não havia outros achados clínicos significativos.

Em uma nova visita à emergência, aproximadamente cinco meses mais tarde, o paciente apresentava agitação, sentimentos de despersonalização e paranóia, acrescidos aos sintomas anteriores.

Esse jovem continuou apresentando subseqüentes episódios com os sintomas acima descritos, preenchendo os critérios diagnósticos de Distúrbio do Pânico com Agorafobia do DSM-IV.

Estudos alertam para o fato de que a idéia de que o uso da maconha comportaria baixos riscos, assim como sua disponibilidade, colaboram para a grande prevalência de sua utilização, superior até mesmo à do álcool. Devemos considerar aqui que este estudo feito nos Estados Unidos retrata uma realidade peculiar, num país onde o controle do uso de substâncias ilícitas é rigoroso e onde há uma cultura do-

minante entre os próprios jovens de que álcool e direção de veículos são incompatíveis, e onde o acesso às drogas é muito mais restrito que no Brasil.

Conclui o artigo que ataques de pânico, paranóia e despersonalização estão entre os efeitos adversos do uso da maconha.

Na prática clínica, embora advertidos desses efeitos, muitos adolescentes os encaram como um fenômeno transitório, associado às “viagens”.

Relatos de sintomas de ansiedade aguda e ataques de pânico seguidos do uso da maconha foram bem documentados (Bialos, 1970). Enquanto não há estudos suficientes sobre a eventual continuação dos ataques de pânico em adolescentes que abandonaram o uso da maconha, a persistência da despersonalização foi verificada em adultos mesmo depois de suspenso o uso (Moran, 1986).

No caso aqui reportado, os sintomas de pânico persistiram na abstinência do uso, e portanto confirma-se o diagnóstico de pânico com agorafobia. A maconha pode ter mascarado uma subjacente vulnerabilidade ao pânico. Talvez haja um subgrupo de pacientes mais sensíveis aos usos adversos da *Cannabis*. Isso não foi reportado na literatura sobre os adolescentes, e pode ter implicações para os programas educacionais preventivos.

O artigo evidencia a necessidade de pesquisas quantitativas e qualitativas nessa área. A dependência do uso de drogas ilícitas, assim como as lícitas, é um problema de saúde pública, e essa questão não se reduz ao tratamento médico, porque envolve outros aspectos tais como os valores sociais, os padrões culturais de comportamento, e as questões legais do uso, do tráfico e comercialização de drogas.

“Las ‘psicosis transitorias’ a la luz del concepto de
‘forclusión local’ de J. D. Nasio”

Emiliano del Campo

Revista de Psicoanálisis y Cultura – Acheronta, n. 12, diciembre 2000

Resenhado por: Luciana Mary Zaros Razzo

Em busca de um novo olhar sobre a(s) psicose(s)

O autor inicia resgatando toda historicidade do tema e seu significado em seu próprio trabalho clínico, ressaltando logo na introdução: “não há a psicose, mas sim as psicoses...”

Na busca de uma releitura psicanalítica sobre a psicose, retorna a Freud e, na tentativa de ampliar a dimensão clínica do todo a ser discutido, recorre a diferentes “escutas” no livro *Les grands cas de psychoses*, mais especificamente se detendo ao conceito de “forclusão local” descrito por Juan David Nasio.

Considerando que o conceito vem a ser uma grande contribuição lacaniana no campo das psicoses, sob o olhar de Nasio buscou inspiração e novas possibilidades de leitura do caso “Mariane”, ali descrito.

De acordo com o autor, Nasio propõe “... a tese de ‘forclusão local’ enfocando manifestações como delírio e/ou alucinação, que podem estar presentes tendo o paciente sido diagnosticado como ‘psicótico’ ou não.”

Inicialmente, Emiliano del Campo enfatiza as diferenças, segundo o pensamento de Nasio, entre o conceito de *Verwefung*, descrito por Freud, e o conceito de “forclusão”¹, descrito por Lacan, considerando que a posição de Nasio, no que se refere à forclusão, situa-se entre as daqueles.

Segundo as palavras de Nasio: “Seria um contra-senso profundo crer que a realidade da castração é única, dada a um só golpe e abarcando toda uma vida. É o inverso que a experiência de análise nos ensina; esta realidade intolerável é, na verdade, uma pluralidade de realidades que se sucedem e às vezes coexistem, cada uma existindo no momento do acontecimento, nem antes nem depois. Em uma palavra, a castração não é jamais única, mas sim ocasional, local e múltipla. Não há uma castração, mas sim castrações”.

Seu objetivo é reduzir o(s) prejuízo(s) causados pelo jargão globalizante “forclusão” que, ainda segundo Nasio, vem “paralisando a clínica psicanalítica”, e mantendo, muitas vezes, uma atitude clínica regredida a uma “psiquiatria pré-freudiana” e portanto fechada! Dessa forma, acaba ocorrendo um afastamento do sentido lacaniano de forclusão, assim como uma restrição na dimensão prática e teórica, e conseqüente “cristalização” do olhar clínico, de ordem negativa, que impossibilita o trabalho analítico, na medida em que faz uso de um saber pré-estabelecido e estático.

Uma vez que a forclusão vem a ser uma forma do indivíduo lidar com seus conflitos fundamentais, pode-se tentar elucidar tal mecanismo pelas das palavras de Leclair: “... se imaginarmos a experiência como um tecido, ou seja, ao pé da letra,

1. Forclusão: “Termo introduzido por Jacques Lacan. Mecanismo específico que estaria na origem do fato psicótico; consistiria numa rejeição primordial de um ‘significante’ fundamental (por exemplo: o falo enquanto significante do complexo de castração) para fora do universo simbólico do sujeito. A forclusão distinguir-se-á do recalque em dois sentidos: a) os significantes forcluídos não são integrados no inconsciente do sujeito; b) não retornam ‘do interior’, mas no seio do real, especialmente no fenômeno alucinatorio.” (Laplanche e Pontalis, 1994).

como um pedaço de fazenda constituída por fios entrecruzados, poderíamos dizer que o recalque estaria apresentado por alguma ruptura ou por algum rasgão, importante e sempre passível de ser cerzido ou reparado, enquanto a forclusão estaria representada por alguma abertura devida ao tecido mesmo, isto é, por um buraco original que jamais seria suscetível de encontrar sua própria substância, já que esta nunca teria sido outra coisa senão substância de buraco, e que nunca poderia ser preenchido senão de modo imperfeito por um ‘remendo’, para retomar o termo freudiano.” (Leclaire, S. “A propôs de l’episode que prèsentà l’Homme aux Loups”, *La Psychanalyse*, vol. IV, p. 97.)

Nesse sentido, o delírio seria uma reação extrema, buscando restituir o “tecido” (o psiquismo), na tentativa de preencher o vazio intolerável.

No caso Mariane, pela impossibilidade de vivenciar uma terrível realidade (uma mãe que acoberta a morte de dois de seus irmãos e a presença de um pai sedutor), a paciente protege-se por meio da forclusão, representando em seu delírio o conteúdo e o afeto insuportáveis. Tal forma brutal de defesa evita um rompimento por completo com a realidade externa.

Ou seja, o funcionamento psíquico de Mariane demonstra a “coexistência” de uma realidade alicerçada na forclusão local (vivência de delírio), e um conjunto de outras realidades mantidas pelo recalque (não perdendo, portanto, o contato com a realidade).

Dessa forma, Mariane não pode ser “rotulada” como psicótica, mas sim como alguém que se encontra na “clínica das psicoses”, mais especificamente nas “psicoses transitórias à luz do conceito de forclusão local”, como diria Nasio.

Pode-se dizer que esse conceito aparece como uma possibilidade de expandir a clínica “das psicoses”, uma vez que permite diferenciar “psicoses transitórias” de “psicoses permanentes”. Ou, ainda, permite que se pense a coexistência em um mesmo indivíduo de “diferentes formações psíquicas”.

O artigo demonstra a necessidade do psicanalista não enquadrar seu paciente num leito de Procusto de definições psicopatológicas rígidas e apriorísticas, devendo, antes, assumir a penosa tarefa de (re)pensar continuamente as manifestações presentes na prática clínica.

“A psychiatric dialogue on the mind-body problem”

Kenneth S. Kendler, M.D.

American Journal of Psychiatry – vol. 158, July 2001, p. 989-1000

Resenhado por: Marcos Romano Bicalho

Um diálogo psiquiátrico sobre o problema mente-corpo

Este é um artigo que recoloca para a psiquiatria a relevância do pensar sobre as relações mente e corpo. Justifica o autor, na introdução, que as teorias etiológicas dos transtornos psiquiátricos ora baseiam-se no orgânico ou biológico, ora no funcional ou psicológico. Este movimento pendular na história da psiquiatria torna-a legítima herdeira do jogo de forças descritivas inerentes ao assim chamado problema mente-corpo. K.S. Kendler reconhece que há anos uma revisão do assunto não é publicada em uma revista psiquiátrica anglófona, o que revela o distanciamento filosófico do discurso psiquiátrico moderno. Assim, Kendler propõe-se a oferecer uma revisão, sob a perspectiva psiquiátrica, das principais teorias que cuidam do problema mente-corpo, o que interpreto como um estímulo aos colegas a tomar um tempinho para a reflexão destas idéias que vêm ao encontro de um outro problema que a psiquiatria enfrenta, qual seja, o de definir seu objeto.

Nesta resenha não exporei as teorias analisadas por Kendler dado o reduzido espaço. Sugiro que o leitor não familiarizado com o jargão filosófico não hesite em tentar essa leitura, pois o autor cumpre sua proposta de fazer apenas uma introdução. Sua clareza de estilo e didática permitem o acesso até ao cidadão leigo interessado em pensar a respeito das possíveis relações entre mente e corpo.

Kendler fez uma opção feliz para apresentar um conteúdo que, por vezes, pode ser árido, escolhendo construir o texto sob a forma de um diálogo. A escolha não é fortuita. Trata-se de simbolizar uma possível saída para acomodar as inúmeras e infundáveis querelas acerca do assunto. Somente um diálogo franco, aberto e amigável parece oferecer condições ao leitor de poder simultaneamente sentir as forças e as fraquezas de cada proposta teórica, sendo, portanto, uma ótima forma de introduzir o problema.

As personagens são Doug, Mary, Francine e o professor. Os três primeiros são residentes de psiquiatria, sendo cada um simpatizante de uma teoria importante sobre o problema mente-corpo, isto é, o dualismo, o materialismo e o funcionalismo, respectivamente. O professor é um psiquiatra assistente com boas noções de filosofia que faz a moderação do diálogo.

A trama de perguntas e respostas é instigante; a forma é bem articulada. As falas sucintas não comprometem o conteúdo. Como os participantes do diálogo tentam sustentar seus próprios pontos de vista, o questionamento entre si leva as personagens a repensar suas certezas.

Doug, defendendo o dualismo (tese que propõe uma diferença fundamental entre mente e matéria), não pode negar os avanços das neurociências. Mary, materialista (estados mentais seriam iguais a estados cerebrais), tende a ver a psiquiatria como neurociência aplicada. Francine participa introduzindo a idéia de que os estados mentais são definidos e caracterizados por suas funções, uma alternativa ao materialismo reducionista e ao dualismo. O professor articula a seqüência das falas, com esclarecimentos, fundamentando seu discurso em diversos pensadores importantes como Descartes, Leibniz, Nagel, Searle entre outros. É interessante como as personagens vão vivenciando os limites de seus pensamentos, o que mostra uma argumentação lógica onde os contrapontos foram escolhidos cuidadosamente de modo que a seqüência de oposições não caísse no vazio. Vejo nesta lapidação precisa dos conceitos um ponto forte da revisão de Kendler.

Por outro lado, não posso furtar-me a comentar um aspecto sobre a herança do dualismo cartesiano o qual Kendler parece ignorar. Descartes realmente é o iniciador da doutrina moderna sobre a alma (mente). Todavia, a leitura tradicional de Descartes tem sido revista por diversos autores (Alanen, 1981; Kennington, 1972; Marques, 1993). De grande valor é a ponderação acerca dos escritos de Descartes interpretando-os não como pontes diretas para algumas teses problemáticas a respeito da natureza e o conhecimento da mente, geralmente associadas ao dualismo cartesiano.

No parágrafo 17 da *Meditação VI* onde é argumentada a distinção substancial, Descartes ponderou: "... embora talvez (ou, antes, certamente, como direi logo mais) eu tenha um corpo ao qual estou muito estreitamente conjugado..."

Lívio Teixeira (1990: 16) nos esclarece:

... Descartes, depois de ter feito a discriminação entre a substância pensante e a substância extensa – essencial no seu sistema para a fundamentação da sua física –, ao tratar do homem introduz a doutrina da união substancial da alma e do corpo, doutrina que a muitos pareceu estranha e mesmo sem coerência com as grandes linhas do pensamento do filósofo.

Descartes respondeu a objeções de Arnauld, Regius, princesa Elizabeth, Chanut entre outros. Nas suas cartas, em especial a Elizabeth da Boêmia, está a idéia de que ele estava preocupado essencialmente com o amálgama que somos. Haveria uma separabilidade das substâncias (nível metodológico) e não a separação ao nível ontológico. Posteriormente, nos *Princípios de filosofia* e no *Tratado das paixões da alma*, Descartes tratará desse tema, mostrando ter havido uma evolução de seu pensamento.

Não considerando isto, Kendler fica inserido no contexto de refutações que se arrastaram ao longo do tempo, imprimindo às discussões um vocabulário repleto de tentativas de relacionar “coisas distintas”, tais como mente e corpo. Este é o ponto fraco da revisão.

Não estaríamos diante de um pseudo-problema mente-corpo, ou seja, poderíamos prescindir a condição de relacionar causalmente mente e corpo, se partíssemos da idéia da separabilidade das substâncias enquanto método para conhecer o homem? Creio que seria interessante se Kendler tivesse adicionado esta perspectiva no diálogo. O fato é que os problemas que Descartes levantou ainda estão presentes, aguardando reflexões e descobertas complementares.

Kendler ainda arrola uma vasta bibliografia atualizada e alguns sites recomendados para quem quiser aprofundar-se nas discussões. Para aqueles que não dominam o inglês, ou tiverem dificuldade de acesso aos textos estrangeiros, recomendo o excelente livro de Teixeira, J.F. *Mente, cérebro & cognição*, Petrópolis: Vozes, 2000.

Por fim, o professor encerra o diálogo com seus pupilos: “I look forward to seeing you on rounds tomorrow. This was fun”. E é isto mesmo. Foi divertido pensar neste fascinante problema e a conversa continuará.

Referências bibliográficas

- ALANEN, L. Descartes's dualism and the philosophy of mind. *Revue de Metaphysique et de Morale*, v. 3, p. 391-413, 1981.
- KENNINGTON, R. The “Teaching of Nature” in Descartes' Soul Doctrine. *Review of Metaphysics*, v. 16, p. 86-117, 1972.
- MARQUES, J. *Descartes e sua concepção de homem*. São Paulo: Loyola, 1993.
- DESCARTES, R. *Meditações; objeções e respostas; cartas*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Jr. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- TEIXEIRA, L. *Ensaio sobre a Moral Descartes*. São Paulo: Brasiliense, 1990.